

OPTCHA! CIGANO NÃO É RELIGIÃO? UMA ANÁLISE DA ATUAÇÃO, PERFORMANCE E RITUAIS ENTRE CIGANOS NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO¹

DOI
10.11606/issn.2525-3123.
gis.2022.185829

ORCID
<https://orcid.org/0000-0002-1563-2460>

CLEITON M. MAIA

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil,
20550-013, ics@uerj.br

APRESENTAÇÃO

Esse ensaio tem como proposta analisar a atuação de diferentes atores que compõem o cenário cigano que vem se formando na cidade do Rio de Janeiro nos últimos anos. Optei por destacar dois rituais que acompanhei em meu trabalho de campo durante a pesquisa do doutorado, apresentando alguns dos ciganos que estiveram presentes e suas participações e atuações nesses rituais. Nas imagens apresento, descrevo e destaco em uma narrativa fotográfica e etnográfica, assim, proponho refletir sobre cada um dos dois rituais como cenários de *situações sociais* (Gluckman 1987)², para destacar no conjunto fotográfico questões que considero centrais para o entendimento das atuações.

No primeiro conjunto de imagens (Fotografias 1 a 5) apresento o grupo chamado *Tenda Cigana Espiritualista Tzara Ramirez* em Nova Iguaçu, na Baixada Fluminense da cidade do Rio de Janeiro. O grupo religioso é um, dentre muitos, que se apresentam como *tendas*, *tzaras*

1. O ensaio *Optchal Cigano não é religião? Uma análise da atuação, performance e rituais entre ciganos na cidade do Rio de Janeiro*, foi apresentado e exposto no IV Prêmio De Fotografia Arthur Napoleão Figueiredo - EAVAAM, realizado no ano de 2020. O ensaio recebeu o Prêmio de segundo melhor Ensaio Fotográfico naquela edição.

2. Gluckman, Max. 2010. Análise de uma situação social na Zululândia moderna. In: A antropologia das sociedades contemporâneas, Bela Feldman-Bianco (Org.). São Paulo: UNESP.

ou *tsaras*, suas redes e como são acionados com regularidade por demais representações ciganas da cidade. Assim como outras muitas *tsaras* na cidade, o grupo *Tenda Cigana Espiritualista Tzara Ramirez* caracteriza-se por praticar um ritual, chamado *Salamandra*, em que os médiuns incorporam entidades chamadas *ciganos de espírito* (Maia 2014)³ para desenvolver seus rituais e performances de dança e música ciganas ganhando notoriedade e afirmando-se, assim, como *ciganos*, mas nesses casos em específico, enquanto *ciganos de espírito*.

No segundo grupo de imagens (Fotografias 6 a 8) foco na comemoração do Dia Nacional do Cigano e de Santa Sara Kali, a comemoração cigana de maior visibilidade que ocorre na cidade, um ritual que incorpora expressões cívicas, religiosas e culturais ciganas. O evento ocorre desde 25 de maio de 2006⁴, quando, por um decreto, foi instituído o dia 24 de maio, o dia de Santa Sara Kali como Dia Nacional do Cigano no Brasil. Desde então, Mirian Stanescon, que se intitula *cigana de verdade*, realiza um ritual em comemoração à data. A gruta possui uma imagem da santa fixada e com isso o parque tornou-se um dos pontos de turismo religioso, entrando no calendário oficial de eventos da Prefeitura da cidade em 2017. O evento conta com a presença de aproximadamente cinco mil pessoas e vem transformando o espaço público em um lugar de disputa e controvérsias sobre a questão cigana, sua cultura e religião. A partir da apresentação do ritual da cigana Mirian Stanescon⁵, proponho destacar, dessa maneira, mais uma das diferentes formas de ser cigano que acompanhei durante o processo de minha pesquisa. Nesse caso, aqueles que são ciganos afirmando-se enquanto *ciganos de verdade*, tal como se declara Mirian Stanescon.

Através desse ensaio fotográfico etnográfico, pretendo apresentar como as diferentes formas de representações ciganas, como os rituais dos *ciganos de espírito* e *ciganos de verdade*, constituem *diferentes formas* (Brah 2008)⁶ de ser cigano performatizada e ritualizadas na cidade do Rio de Janeiro nos últimos anos. As últimas três décadas foram de grandes debates sobre os ciganos no Brasil. Com destaque aos últimos dez anos, o decreto de criação do Dia Nacional do Cigano assinado no dia 24 de maio de 2006⁷

3. Maia, Cleiton Machado. 2014. Posso ler a sua mão?: uma análise da Tenda Cigana Espiritualista Tzara Ramirez. 113 p. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais), Instituto de Ciências Humanas e Sociais/Instituto Multidisciplinar/Instituto de Três Rios, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica.

4. A festa ocorre com o apoio da Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial e Secretaria de Estado de Cultura do Rio de Janeiro.

5. A cigana é Conselheira da Comissão de Direitos Humanos da OAB/RJ, fundadora e presidente da Fundação Santa Sara Kali, promove a “Cruzada Nacional Pela Paz Mundial” há vinte anos no Parque Garota de Ipanema, na Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro.

6. Brah, Avtar. 2006. Diferença, diversidade, diferenciação. In: Cadernos Pagu, v. 26: 329-376, Porto Alegre.

7. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Dnn/Dnn10841.htm

vem promovendo uma crescente quantidade de pesquisas e colocando o tema cigano no centro de novas produções acadêmicas.

Essa visibilidade faz parte de um debate bem mais amplo promovido desde o processo de formulação de nossa Carta Magna, no ano de 1988. Como demonstra a autora Susan Wright (1999), algumas organizações internacionais incentivaram políticas públicas que entendiam como uma das possibilidades de construção da democracia apoiada na ideia de diversidade cultural (Wright 1999, 13), o que ganhava força no contexto internacional. Esse processo sócio-histórico apresentou novos atores e novas formas de envolvimento na construção de nossa constituição e durante as últimas décadas continuam gerando novos espaços de visibilidade e disputas entre alguns antigos e novos atores.

OS CIGANOS DE ESPÍRITO DA TENDA CIGANA ESPIRITUALISTA TZARA RAMIREZ EM NOVA IGUAÇU

A Tenda Cigana Espiritualista Tzara Ramirez teve seu início nos anos de 1990, com o médium Juan que também é pai de santo em um terreiro de candomblé na região chamada “Chacrinha”, em Nova Iguaçu. Segundo os relatos dos médiuns da Tenda, no início aconteciam somente rituais de candomblé, mas ele e mais alguns dos adeptos teriam começado a sentir a presença de *espíritos ciganos* durante os rituais. Juan relatou-me que alguns dos adeptos também frequentavam a umbanda, o que estaria causando essa energia diferente no ambiente. Até que um dia ele incorporou pela primeira vez o Cigano Juan Ramirez.

Assim que incorporou esse espírito cigano (Fotografia 1) o médium assumiu a responsabilidade de arrumar um lugar em que esses espíritos ciganos pudessem ser cuidados. É uma característica da Tenda o múltiplo pertencimento religioso (Sanchis 1997) entre os adeptos, é comum os médiuns frequentarem além da Tenda, terreiros de umbanda e casas de candomblé, que eles chamam de “outro lado”. Juan começou a desenvolver, no mesmo espaço que atendia como terreiro de candomblé, um dia só para trabalhos com esses espíritos ciganos, mas o atendimento com os ciganos começou a se tornar conhecido, gerou propaganda entre os próprios adeptos e os frequentadores da região. Três anos depois, Juan foi orientado por seu espírito cigano a procurar outro lugar que tivesse um espaço maior para as atividades ritualísticas e principalmente houvesse a separação do que seria chamada Tenda Cigana Espiritualista Tzara Ramirez do barracão de candomblé. O pedido foi atendido e o médium começou a atender com o espírito cigano que se apresenta com o nome Cigano Juan Ramirez.

Com o pedido, os médiuns decidiram mudar para uma região conhecida como “Chacrinha”, no bairro de Santa Eugenia, que é mais distante do centro da cidade de Nova Iguaçu, onde conseguiram uma região mais

ampla e, assim, os rituais foram separados. Logo, compraram dois terrenos com a venda do antigo espaço, um deles foi destinado à construção da Tenda Cigana Espiritualista Tzara Ramirez e o outro para a manutenção do Barracão de Candomblé.

O grupo religioso é um, dentre muitos, que se apresentam como *tendas*, *tzaras* ou *tsaras*, suas redes e como são acionados com regularidade por demais representações ciganas da cidade. Assim como outras muitas *tzaras* na cidade, o grupo *Tenda Cigana Espiritualista Tzara Ramirez* caracteriza-se por praticar um ritual, chamado *Salamandra*, em que os médiuns incorporam entidades chamadas *ciganos de espírito* (Maia 2014) para desenvolver seus rituais e performances de dança e música ciganas ganhando notoriedade e afirmando-se, assim, como *ciganos*, mas nesses casos em específico, enquanto *ciganos de espírito*.

O RITUAL DA SALAMANDRA

Dentre as minhas fotografias e observações, alguns objetos destacaram-se por sua presença constante em todas as arrumações de tapetes e se tornaram símbolos importantes, não só por terem a sua presença repetidamente invocada no ritual da Salamandra, mas também nos atendimentos dos ciganos de espíritos incorporados (Fotografia 2). Porém, para entender a centralidade do ritual da Salamandra, destaco o objeto vela, para assim apresentar como esse objeto e o elemento fogo são fundamentais no ritual da Tenda, temos de atentar como o atendimento dos médiuns incorporados dentro do espaço coberto ocorre e a sua incorporação coletiva no espaço aberto durante o ritual da Salamandra.

Durante os atendimentos, o espaço coberto funciona como uma triagem, os frequentadores passam pelo passe e dependendo da necessidade, indicada por quem aplicou o passe (Fotografias 3 e 5), o atendido é encaminhado para entrar na lista de consulta com os *ciganos espirituais*. Na maioria das vezes o desejo pelo atendimento é manifesto pelo próprio frequentador. Após a arrumação dos tapetes de atendimento, os médiuns se sentam, acendem a vela, o incenso, borrifam o perfume do seu cigano em suas mãos, tapete e no ar, começando um processo de concentração. Seguido de alguns segundos de silêncio, em que, por vezes, foram minutos imóveis até a incorporação, a chegada do cigano de espírito. A incorporação desse cigano de espírito acontece de maneira totalmente individual e silenciosa, normalmente o silêncio é quebrado com um único “brado”, “grito” ou movimento brusco (Fotografia 5) que produza sonoridade, como batida de palmas, batidas no peito ou no chão. O silêncio e o não silêncio causado pelo momento liminar (Schechner 2012, 49) são destaque na marcação da incorporação. A incorporação é o momento liminar para os adeptos da Tenda Tzara Ramirez, é por ela que eles assumem novas formas de identidades e de ser cigano.

As velas são os “pedidos”, “desejos” ou “trabalhos” realizados durante o dia (Fotografias 2, 3 e 4). As pessoas atendidas pelos *ciganos de espírito* compartilham nesse ritual as suas angústias e necessidades, além dos trabalhos, atendimentos e conselhos que ficam acordados a serem feitos em períodos determinados entre o *cigano de espírito* e o frequentador. No ritual, o cigano recomenda que naquele dia uma vela seja acesa por cada um dos presentes, de acordo com a necessidade percebida no atendimento anterior. Assim, todos os presentes sempre têm uma vela em mãos, todos tem “algo a oferecer a Salamandra”⁸.

Com as velas acesas, as músicas do ritual da Salamandra começam a tocar, sempre na mesma sequência as mesmas onze gravações são tocadas. As duas primeiras são, respectivamente, *Oração a Santa Sara e Nossa Senhora* e *Invocação da Salamandra*, neste momento todos os presentes na Tzara Ramirez começam a passar de mão em mão suas velas, de trás para frente, até que todas as velas sejam depositadas e juntas acendam a grande fogueira, a *Salamandra* (Fotografia 4).

Durante o depósito das velas (Fotografias 1, 3 e 4) na *Salamandra*, a música *Invocação da Salamandra* está sendo entoada, as frases da música são todas como um chamado a *Salamandra*⁹, “seus poderes”, “sua força”, “seu espírito” e todo o seu “mistério”. Em seu último verso, em tom de invocação, é exclamado um grito em todas as caixas de som do ambiente: “SALAMANDRA, SALAMANDRA, NÓS TE INVOCAMOS. MOSTRE SEU MISTÉRIO!”. Seguido a essa oração, entram as nove músicas de tema cigano ou de grupos ciganos¹⁰ usadas durante o ritual. O autor Richard Schechner (2012, 70), em sua análise de performance de ritual, destaca o impacto que o *espaço sagrado* tem sobre os participantes do ritual, como esse local faz parte de um conjunto de *símbolos ordinários na performance* (2012, 61) em destaque ressaltando a música e os cantos como um mecanismo de liberação para a performance. É possível notar como o espaço sagrado é importante nesse ritual, bem como a música tem um papel importante no ritual de incorporação na Tzara Ramirez.

OS CIGANOS DE VERDADE E A COMEMORAÇÃO DO DIA NACIONAL DO CIGANO E DE SANTA SARA KALI EM IPANEMA, ZONA SUL DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

Entre as atividades que acompanhei em meu campo, os atores que se envolveram e as redes acionadas, escolho um outro ritual para retratar algumas dessas mediações ciganas na cidade: a comemoração ao Dia Nacional do Cigano e Santa Sara Kali em Ipanema, RJ. O evento em comemoração ao

8. É o “espírito da caravana cigana” ou “espírito cigano”, como os membros da Tenda referem-se à *Salamandra*.

9. O *espírito cigano* da caravana que os adeptos atribuem a fogueira.

10. Destaco que essa análise da música cigana, suas disputas, legitimidades e circulação são retomadas mais ao decorrer do texto.

Dia Nacional do Cigano e ao Dia de Santa Sara Kali ocorreu na Gruta de Santa Sara Kali, no Parque Garota de Ipanema, em 2017, na Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro. Pretendo dar ênfase a esse evento em específico por ser a comemoração de maior visibilidade que ocorre na cidade do Rio de Janeiro e por ser um ritual que incorpora elementos cívicos, religiosos e culturais ciganas.

O evento ocorre desde o ano de 2006, quando foi instituído o dia 24 de maio, o dia de Santa Sara Kali como Dia Nacional do Cigano no Brasil. Desde então, Mirian Stanescon, que se intitula Dr. Mirian Stanescon, *cigana de verdade* (Fotografia 7), promove uma festa que durante muitos anos foi organizada em atuação conjunta com a Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial e com a Secretaria de Estado de Cultura do Rio de Janeiro. Mirian Stanescon é Conselheira da Comissão de Direitos Humanos da OAB/RJ, fundadora e presidente da Fundação Santa Sara Kali e promove um evento que chama de “Cruzada Nacional Pela Paz Mundial” há vinte anos no Parque Garota de Ipanema.

No ano de 2006, a cigana Mirian Stanescon foi convidada pelo Governo Federal para escrever a cartilha “Povo Cigano, o direito em suas mãos” lançada em 25 de maio do mesmo ano, uma realização conjunta entre o Ministério da Cultura, Secretaria Especial de Direitos Humanos, Secretaria da Identidade e Diversidade Cultural, Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR) e a Fundação Santa Sara Kali (FSSK). Após o lançamento da cartilha, a autora foi convidada a fazer pessoalmente a divulgação pelos estados brasileiros, ajudando na promoção da cultura e direito à cidadania do cigano no Brasil, e assim como consta no decreto federal¹¹, divulgando também Santa Sara Kali como “Padroeira dos ciganos no Brasil”.

Por muitas vezes, em seus encontros mensais, Mirian destacou a gruta do Parque Garota de Ipanema como o “primeiro templo de Santa Sara Kali no Brasil¹²”, fazendo com que, assim, o “povo cigano e os adoradores e devotos da santa” tenham um espaço para adorá-la no Brasil¹³.

O RITUAL NA GRUTA DE SANTA SARA KALI

A gruta do Parque Garota de Ipanema possui uma imagem de Santa Sara Kali fixada (Fotografia 6) e com isso o parque tornou-se um dos pontos

11. O decreto da criação do Dia Nacional do Cigano foi assinado no mesmo evento pelo então presidente, Luiz Inácio Lula da Silva, que fez questão de posar para fotos e beijar a imagem da santa cigana que fora presenteado na ocasião.

12. Em paralelo com suas atividades com o Governo Federal e em diversas áreas em que atuou durante a sua vida, Mirian manteve sua fundação e algumas das atividades que são sua marca como as correntes e as comemorações, com maior destaque ao mês de maio e a festa em homenagem a Santa Sara Kali.

13. Fazendo referência à festa de Saints Maries de La Mer, no sul da França, onde anualmente fazem peregrinações, uma grande romaria e festividades em homenagem a Santa Sara Kali.

de turismo religioso na cidade Rio de Janeiro, entrando no calendário oficial de eventos da Prefeitura em 2017. Houve edições do evento que já contaram com a presença de aproximadamente cinco mil pessoas e isso vem transformando o espaço público em um lugar de disputa e controvérsias sobre a questão cigana, sua cultura e religião. A partir da apresentação dessa cigana nesse capítulo proponho destacar mais uma das diferentes formas de ser cigano que acompanhei durante o processo de minha pesquisa, aqueles que são ciganos afirmando-se como *ciganos de verdade*, defendendo valores vinculados à Igreja Católica como forma de se legitimar na esfera pública carioca.

Acompanhei o evento durante alguns anos, mas destaco em minha análise o evento ocorrido no ano de 2017, objetivando dar ênfase em como Mirian Stanescon performatiza e ressignifica durante o ritual que realiza na praça, símbolos étnicos, cívicos, religiosos e culturais. Assim, proponho destacar como esses elementos são incorporados na narrativa que Mirian Stanescon (Fotografia 9) conta acerca da sua trajetória, das suas conquistas políticas e na produção de seus produtos. Pretendo ressaltar como, em sua atuação, Mirian Stanescon retifica e performatiza as orientações da Pastoral Cigana da Igreja Católica¹⁴.

O ritual é pedagogicamente ensinado, como todo mês, por Mirian Stanescon que realiza uma benção que chama de “benção das sete ervas e sete essências”. Depois os presentes queimam seus incensos representando seus pedidos em uma fogueira, em seguida os pães bentos de Santa Sara Kali são distribuídos por membros do GRASSA¹⁵. Durante o evento, Mirian destacou ao microfone que “como em toda festa cigana, nossa benção termina com uma grande comemoração ao som de músicas ciganas tradicionais, muita dança e alegria!”. Como estava previsto na programação, aconteceria um show anunciado por Mirian como uma ação para: “divulgar a cultura e tradições ciganas, auxiliando no combate à discriminação¹⁶”.

Enquanto isso, a cigana fazia a leitura dos últimos versos do seu panfleto ao microfone: “Diga não à discriminação! Vista a camisa da Paz! Para conhecer melhor a história de Santa Sara Kali e as tradições do Povo cigano, leia o livro *Lilá Romai – Cartas ciganas*, de Mirian Stanescon”, imediatamente emendou a leitura da oração de Santa Sara. A oração foi lida por Mirian na versão em romanês, seguida pela multidão que lia em coro a versão em português, por vezes esse ritual é feito de maneira alternada, verso a verso. Ao fim, todos falam juntos o “Thie Diel o Dhiel” em romani

14. Conforme apresentarei, a organização possui diferentes nomes, dependendo do tempo e lugar, por questões de formatação adotarei a nomenclatura única de Pastoral dos Povos Ciganos no decorrer do texto.

15. Grupo Amigos de Santa Sara (GRASSA).

16. Trecho da fala de Miriam Stanescon, Cruzada Nacional Pela Paz Mundial, Ipanema, Rio de Janeiro, Caderno de campo, 24 de março de 2017.

e o “amém” em português. O microfone dá lugar ao maço de ervas na mão da cigana, a multidão se espreme contra as grades da RIOTUR em busca da benção e do pãozinho. Ao mesmo tempo a voz de sua filha Lhuba toma conta do som ambiente, ao microfone a jovem os instrui: “calma”, “todos vão receber a benção”, “tem pãozinho pra todo mundo” ou “circulem”, cabe a ela direcionar os devotos (Fotografia 10) à gruta para a queima do incenso na pequena fogueira nesse momento (Fotografia 8).

RESUMO

O ensaio tem como proposta analisar a atuação de diferentes atores que compõem o cenário cigano que vem se formando na cidade do Rio de Janeiro nos últimos anos. Optei por destacar dois rituais que acompanhei em meu trabalho de campo durante a pesquisa do doutorado. Nas imagens apresento, descrevo e destaco em uma narrativa fotográfica e etnográfica, assim, proponho refletir sobre cada um dos dois rituais como cenários de *situações sociais* (Gluckman 1987), para destacar no conjunto fotográfico questões que considero centrais para o entendimento das atuações. No primeiro conjunto de imagens apresento o grupo chamado Tenda Cigana Espiritualista Tzara Ramirez em Nova Iguaçu, na Baixada Fluminense. No segundo conjunto de imagens foco na comemoração do Dia Nacional do Cigano e de Santa Sara Kali, a comemoração cigana de maior visibilidade que ocorre na cidade, um ritual que incorpora expressões cívicas, religiosas e culturais ciganas.

PALAVRAS-CHAVE

Cultura;
Subjetividade;
Religião; Etnia.

ABSTRACT

This essay analyzes the activities of the different actors that comprise the Roma scenario, which has become established in the city of Rio de Janeiro in recent years. I decided to highlight two of the rituals I have been following in field work for my doctoral research, presenting some of the Roma people who were present, and their participation and activities in these rituals. In the images, in a photographic and ethnographic narrative, I present, describe, highlight, and propose to reflect on the two rituals, as scenarios of *social situations* (Gluckman 1987), to emphasize issues I consider central to understanding these activities in a collection of photographs. In the first group of images, I present the group called *Tenda Cigana Espiritualista Tzara Ramirez* (Tzara Ramirez Spiritualist Roma Tent) in Nova Iguaçu, Baixada Fluminense in the city of Rio de Janeiro. The second group of images focuses on the commemoration of the National Roma and Saint Sara Kali Day, a Roma celebration with the greatest visibility that takes place in the city. The ritual incorporates civil, religious, and cultural Roma expressions.

KEYWORDS

Culture;
Subjectivity;
Religion; Ethnicity.





















REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Brah, Avtar. 2006. Diferença, diversidade, diferenciação. *In: Cadernos Pagu*, v. 26: 329-376, Porto Alegre.
- Gluckman, Max. 2010. Análise de uma situação social na Zululândia moderna. *In: A antropologia das sociedades contemporâneas*, Bela Feldman-Bianco (Org.). São Paulo: UNESP.
- Maia, Cleiton Machado. 2014. *Posso ler a sua mão?: uma análise da Tenda Cigana Espiritualista Tzara Ramirez*. 113 p. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais), Instituto de Ciências Humanas e Sociais/Instituto Multidisciplinar/Instituto de Três Rios, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica.
- Sanchis, Pierre. 1997. O campo religioso contemporâneo no Brasil. *In: Globalização e Religião*, Ari Pedro Oro e Carlos Alberto Steil. (Orgs). Petrópolis: Vozes.
- Schechner, Richard. 2012. *Performance e Antropologia de Richard Schechner*. Org. Zeca Ligiero. Trad. Augusto Rodrigues da Silva. Rio de Janeiro: Mauad X.
- Wright, Susan. 1999. The politicization of 'culture'. *Anthropology Today*, v. 14, n. 1.: 7-15.

CLEITON M. MAIA é Doutor (2019) pelo Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais (PPCIS) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), com bolsa da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ), e Mestre (2014) pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, com bolsa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), with a post-doctorate (2019) in Social Sciences at the Instituto de Ciências Sociais at Uerj. He is undergraduate in History from the Universidade Gama Filho (2007). He joins the research group *Disturbance: Gadgets, Urban Plots, Orders and Resistance* at Uerj. E-mail: cleitonmaia@gmail.com

Licença de uso. Este artigo está licenciado sob a Licença Creative Commons CC-BY. Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

Recebido: 05/16/2021

Aprovado: 09/14/2021